COLONIAL, CARTORIAL E SERVIL | As métricas de avaliação das revistas científicas no Brasil

Colonial, cartorial and servile | Evaluation metrics in Brazilian scientific journals

SOUTO MAIOR, Paulo Martin¹
ARAÚJO, Laura Gonçalves Melo de²

Resumo:

O artigo apresenta uma crítica às métricas de avaliação das revistas científicas no Brasil, em especial a respeito dos indexadores e certificações como uma tendência classificatória que reproduz um comportamento colonial, cartorial e servil. Com a popularização da internet a produção científica no Brasil se expandiu e sofreu uma série de mudanças, adaptando-se e incorporando padrões e procedimentos internacionais. No entanto, questiona-se se a obediência e a adequação a esses padrões representam, necessariamente, uma melhora na qualidade da produção. Os procedimentos, a obediência aos índices e a obtenção de indexadores, cujos processos tornam-se cada vez mais complexos, normativos e burocráticos passam a ser prioridade para muitos editores de revistas acadêmicas. A discussão paira sobre a capacidade e eficiência dessas métricas em qualificar o mérito científico das publicações.

Palavras-chave: Produção científica; Procedimentos; Indexadores; Colonialismo. Padronização.

¹ Professor do Departamento de Arqueologia e da Pós-graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Doutorado em Universitat Politècnica de Catalunya: Barcelona, Espanha. <http://orcid.org/0000-0003-1701-855X> - pmsmaior@yahoo.com

² Doutoranda em Ciência Política na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). <http://orcid.org/0000-0002-7659-7179> - lauragmaraujo@gmail.com

Enviado em: 08 Set. 2020. | Aceito em: 28 Jan. 2021.

Abstract:

This paper presents a critique about metrics evaluation of scientific journals in Brazil, regarding mainly to indexers and certifications as a classificatory trend that reproduces a colonial, notary and menial behavior. As internet spreads, scientific production in Brazil expanded and underwent a series of changes, adapting and incorporating international standards and procedures. However, it is questioned whether obedience and compliance with these standards necessarily represent an improvement in the quality of production. Procedures, compliance with indexes and obtaining indexes, whose processes become increasingly complex, normative and bureaucratic, become a priority for many editors of academic journals. The discussion hovers over the ability and efficiency of these metrics to qualify the scientific merit of publications.

Keywords: Scientific production; Procedures; Indexers; Colonialism; Standardization.

Figura 1. Dante e Virgílio no inferno, Ilustração de Gustav Doré, 1861. A Divina Comédia.

Introdução

*Índice H5 maior do que a mediana e menor do que 1/2 sigma acima da mediana do H5.*¹ Essa frase, que mais parece uma prece, ou até um mantra, contida no Relatório do Qualis Periódicos, área N^o 35, 2019, vem desde esse ano tirando o sono de alguns editores de revistas científicas brasileiras. É uma espécie de graça inalcançável.

Não faz muito tempo as revistas eram apenas impressas. A popularização da internet modificou esse cenário e as revistas agora estão inseridas nos portais das universidades. São os casos, por exemplo, do portal de periódicos da UFSC, criado em 2008, atualmente com 45 periódicos, da USP, criado em 2008, atualmente com 193 periódicos, da UFPE, criado em 2017, atualmente com 37 periódicos, da UFMG, criado em 2015, atualmente com 39 periódicos, da UFJF, com 37 periódicos, da UFPI, com 52 periódicos e de praticamente a totalidade das universidades federais e estaduais.

O ambiente que se está construindo é como se antes desse tipo de portal e das versões on-line, os editores, tal qual aqueles pagãos virtuosos e não batizados de Dante Alighieri, vagassem na mais completa escuridão. Eram aqueles que tinham morrido antes da vinda de Jesus Cristo e não conheciam os evangelhos e seus ensinamentos. Eram uma espécie de artífices editoriais. Não havia impressoras, e sim rotativas, não havia computadores, mas máquinas de escrever, não havia corretores, mas caneta e paciência de ler o que seria publicado no próximo número. Por fim, os novos números não estavam disponíveis em um site, eram enviados via correios. Para quem edita, publica e consulta essas mudanças tornaram esse processo menos moroso. É como se os editores de outrora saltassem do limbo direto para o céu, sem precisar passar pelo Vale dos Ventos, pelo Lago da Lama ou por nenhum dos nove círculos de sofrimento da Divina Comédia.

Mas entre o limbo e o céu eis que surgem os evangelhos, traduza-se aqui como os parâmetros de qualificação das revistas. A questão é, a forma e os parâmetros de qualificação representam de fato um juízo de mérito? Pulamos, então, do inferno renascentista para um inferno burocrático como aquele que levou ao suicídio Josef K, em *O Processo* de Kafka.

Tudo é medido e avaliado: métricas, buscadores, certificações e indexadores. Reconhece-se o impacto de uma produção acadêmica pelo seu número de citações.

Quantos *cliques*, quantos *likes* e, claro, o diabo também se modernizou: *deslikes*. Se não falam de você, ou falam pouco, então deve ser porquê de fato vales pouco. Essa é a mais nova métrica, o famoso índice H. Uma rápida busca ao Google e aparecem vários gráficos de funções que demonstram como se calcula. Tem-se a impressão de que a premissa básica é: vale mais quem tem mais citações.

Desde 1998, ano em que se criou o Qualis Capes e se formularam os primeiros evangelhos editoriais, havia que estabelecer normas e parâmetros em função da profusão de periódicos científico que aumentava a cada dia. As áreas e subáreas eram e são cada vez mais variadas, assim como os números de páginas, a periodicidade e até a multidisciplinariedade. Nesse mar de diversidade e aparente caos as reuniões das comissões do Qualis Capes são uma espécie de concílios. Ditam-se as regras e há que as seguir, pois elas nos enaltecem ou nos condenam, tal qual os evangelhos.

Tendência editorial

Sendo benevolente e até paciente pode-se imaginar que a intenção é medir, comparar e criar regras que qualificam os periódicos. E nesse ambiente os indexadores seriam algo assim como uma sombra da racionalidade kantiana numa tempestade editorial, ou seja, uma abordagem mais estrita e menos ambígua que permita fazer juízos críticos e uma análise mais objetiva, tal qual em *Crítica à Razão Prática*, de Kant, (2006).

Talvez o mundo editorial científico, pelo menos aquele vinculado à Capes, tenha copiado a moda das certificações ISO, aquelas que qualificam os processos das empresas e que se acredita que interfiram no produto final. Um carimbo aqui, uma assinatura ali, uma folha verde para o setor de compras, outra rosa para a contabilidade e uma amarela para o almoxarifado é, segundo uma série de livros de gestão de Bertolino e Couto, (2019), a garantia de um bom produto. Seja para o bem e para o mal o mundo tendia ao virtual e a pandemia de 2020 fortaleceu esse ambiente, nossas relações, inclusive, são estimuladas por algoritmos que associam métricas de *curtidas*, dopamina e redes sociais. Não há como lutar e muito menos resistir. Como está escrito no portal do inferno de Dante: “*Deixai toda esperança, vós que entraís!*”

Como bem sintetizou Marshal Berman ao dissertar sobre a modernidade, em um tempo de coisas materiais, na década de 1980, e que mais parece uma previsão para os

dias atuais: *tudo que é sólido se desmancha no ar*, (BERMAN, 1982). Em relação aos indexadores é como se tivéssemos virado as costas para Kant e nos abraçado com a ambiguidade existencialista de Sartre, uma vez que “ (...) *a imagem traz em si um poder persuasivo enganoso, que vem da ambiguidade de sua natureza.*”, (Sartre, 1940). Eis a questão fundamental sobre esses indexadores e as quantidades de citações: eles, de fato, qualificam e melhoram as revistas acadêmicas brasileiras? Essa *imagem* métrica e matemática de fato qualifica ou desqualifica um artigo científico? O fato é que a busca desenfreada por medir e comparar nos empurra para três posturas:

Desenvolvimento

1) Colonial

Os estudos coloniais são derivados da teoria crítica do marxismo e ao utilizar o termo *colonial* remetem, além do colonialismo clássico que existiu na Europa durante a Idade Moderna, também ao chamado neocolonialismo do século XIX, onde a África e a América Latina eram propriedade e áreas de influência europeia. A ideia central do conceito é uma influência e uma dominância de um país, um grupo ou uma estrutura sobre outros, (QUIJANO, 2000).

Posteriormente, esse conceito foi ampliado para o mundo globalizado e pode-se falar de relação de dominação entre o Norte, (Estados Unidos, Canadá e Europa), e o Sul Global, (América latina e África). Trata-se de uma divisão geopolítica na qual os países do Norte exercem uma posição de destaque, pois são mais ricos, estabelecem padrões culturais e acadêmicos, investem em pesquisa e possuem forte poderio bélico. Já os países do Sul compõem um grupo menos desenvolvido, exportadores de commodities e com balanças comerciais fortemente dependentes de países do Norte.

Essa relação de poder manifesta e determina a distribuição geográfica através de um controle do trabalho no capitalismo global. Em outras palavras, a exemplo do conceito de *colonialidade*, utilizado por Quijano (2000), “(...) *o controle do trabalho assalariado era o eixo em torno do qual todas as formas restantes de controle do trabalho, recursos e produtos se articulavam.*” O autor adverte também que essa relação de poder se concentrava na Europa e irradiava para os países mais pobres o que ele denomina de “(...) *configuração social específica do capital (...).* Por meio dessas medidas, a Europa e os

Essa dominação permanece na atualidade, Quijano utiliza o termo *colonialidade* para se referir a contextos específicos de opressão e exploração cultural, levando em consideração a política, a sexualidade e a economia de grupos étnicos raciais subordinados a grupos raciais dominantes.

Cabe salientar que esses paradigmas estéticos, de conhecimento, de valoração e de trabalho eurocêntricos hegemônicos influenciaram e ainda influenciam a filosofia e as ciências ocidentais dos países do sul-global por aproximadamente quinhentos anos. Por isso, são percebidos como universalistas, neutros e acarretam uma deformação endógena: os paradigmas são formados a partir da visão do grupo dominante, por isso as regras e diretrizes dos países do Norte são as referências a serem seguidas por outros grupos. Exemplo dessa permanência de uma mentalidade colonial, ou *colonialidade*, são recomendações como publicar em periódicos estrangeiros ou em coautoria com pesquisadores internacionais como no Journal of Materials Research and Technology, criado pela Associação Brasileira de Metalurgia, Materiais e Mineração (ABM), e que é um caso típico. Em palavras de seu editor, Marc André Meyers, “(...) o periódico quando foi lançado em 2011 teve classificação desfavorável no sistema Qualis da Capes e encontrou dificuldade em atrair bons autores nacionais. Decidimos ir atrás de estrangeiros.”, como retratado em *Táticas para Elevar o Impacto*, (MARQUES, 2018).

Também não faltam artigos que enalteçam essa exigência, pois “(...) percebe-se grande valorização da comunidade científica em relação aos periódicos que estão presentes em bases de dados internacionais. Certamente uma revista que está presente nas importantes fontes de informação possui qualidade.” (FERREIRA e CAREGNATO, 2014, p. 189). E até eventos que mais parecem seminários proféticos ou de autoajuda: “Como Aumentar a Divulgação da Produção Científica e das Revistas Acadêmicas”² da Aguiar, em um evento organizado nos Estados Unidos pela Niso (*National Information Standards Organization*) em fevereiro de 2019 e que pretendeu estabelecer padrões técnicos para desenvolvimento, manutenção e publicações relacionadas à sistemas bibliográficos e bibliotecas como JATS, KBART, MARC, entre outros. Ao listar padrões a serem adotados no exterior, esses eventos, mais especificamente nos Estados Unidos e reproduzidos aqui por portais e bibliotecas de universidades públicas, remetem à ideia de dominação e padronização acadêmica nortista.

A figura europeia, branca e hegemônica pode ser estendida aos Estados Unidos,

que se consolidou em uma posição de destaque na geopolítica e na cultura mundial no século XX, em especial após a Primeira Guerra Mundial. A crítica pós-colonial caracteriza o sistema capitalista tanto como sistema econômico, quanto cultural. Estes teóricos propõem que a cultura é o fator constitutivo que determina as relações econômicas e políticas no capitalismo global, (Said, 1979). E esse processo de colonização cultural capitalista se estende também à produção do conhecimento científico. Nesse cenário específico das grandes revistas científicas como referências criou-se, para o exército de outros veículos mais recentes e específicos ou vinculados à áreas geográficas mais restritas, a concepção – quase uma necessidade – de validação e qualificação de suas publicações através da criação de termômetros: métricas de impacto, indexadores e toda espécie de recursos informáticos que aportem um número, uma lista, um índice capaz de pontuar e assim supostamente qualificar.

Nesse cenário um dos parâmetros recentes e que já faz parte das exigências do Qualis Capes é o índice H5 do Google Scholar. Conceitualmente é igual a um *like*. Quantos mais *likes*, quer dizer, citações, mais o índice da revista aumenta e vai galgando posições e ganhando notoriedade. Nos deparamos então com um dilema ético: mais é melhor? Além disso há outra questão mais profunda. Como uma empresa americana de tecnologia da informação, uma das maiores se não a maior, é quem dita a qualificação de revistas científicas no Brasil? É como a moral colonial que “(...) *reforçava os laços de dependência e vassalagem e por meio dela o vassalo sentia-se pertencendo a uma arquitetura política que ultrapassava a freguesia, o município e que se confundia com a própria monarquia.*” (FRAGOSO, 2012). A discussão é ampla.

2) Cartorial

O conceito cartorial vem do termo *Estado Cartorial*, desenvolvido por Hélio Jaguaribe em 1950, a partir da ideia de um estado que existiria para si próprio e para satisfazer interesses clientelistas políticos. A figura do cartório é um dos apêndices do poder judiciário, órgão necessário para seu bom funcionamento, e que tem como premissa as atividades tipicamente burocráticas: assegurar a guarda e a boa tramitação de processos e da respectiva documentação, a verificação de determinadas verdades fatuais, assim como a autenticidade de assinaturas, e a prática de providências semelhantes. E embora suas funções sejam essenciais em um estado democrático de direito, onde o

processo serve para assegurar a probidade das ações do Estado, (JAGUARIBE, 1950), ele constitui uma imposição, de baixa ou nenhuma utilidade funcional, sendo frequentemente considerado um ônus inútil e adicional sobre as transações correntes, destinado, efetivamente, a assegurar proveitos ao titular daquela instituição. A criação de certificações pode ser vista sob essa ótica e, em tese, a ideia de uma certificação conferindo segurança ao trabalho é positiva. Mas questiona-se a quais interesses servem essas certificações e sua real eficácia em capacitar, legitimar e conferir ineditismo e critérios científicos às revistas acadêmicas.

Entre indexadores, buscadores e certificadores um chama a atenção pela amplitude e rapidez que vem se tornando usual. O Doi, Digital Object Identifier, é o padrão, ou pelo menos um dos mais utilizados e promete certificar um artigo e até uma página web. A ideia é simples, na verdade brilhante. De modo geral, paga-se um dólar americano por artigo, pois esse valor pode variar em função da contratação ser individual ou institucional, e cadastra-se o endereço e uma sequência numérica, criada pelo editor da revista. Assim, ao se digitar a sequência numérica no portal do Doi a resposta ao clicarmos nos direciona para o artigo ou a *web* cadastrada. Uma empresa internacional é quem certifica um artigo ou uma *web* de um órgão público brasileiro? Qual o valor disso? Para que serve? Cabe ressaltar que o processo não é dos mais simples, pois é feito com metadados e linguagem HTML. O insólito é que o Doi, nascido em 1998, é refém de si próprio, pois no seu portal exhibe-se uma certificação ISO. Quer dizer, uma certificação que certifica outra certificação.

De maneira semelhante alguns indexadores tornam-se complexos. É o caso do Latindex, pois uma vez aceito o cadastro a revista passa a integrar o *catálogo 1.0* de sua base de dados. A partir desse momento a nova meta é cumprir as exigências editoriais para a revista subir de nível e integrar o *catálogo 2.0*. Atualizações, novos procedimentos e exigências a serem cumpridos, de modo que se faz necessário além de produzir, estar atento às mudanças de cada certificação. Tal processo se assemelha a uma lógica de *gamefication*, (HAMARI et al, 2014), já devidamente traduzido e adaptado através do termo *gameficação* – que é um método de estímulo de engajamento baseado em etapas, cujo cumprimento é necessário para se atingir o resultado esperado, técnica bastante utilizada na área da educação e comunicação, (ALVES, 2015; BURKE, 2020). Com indexadores mais exigentes, então, o processo de aprovação de uma revista em sua base de dados, quando acontece, envolve, como nos cartórios físicos, tempo e papel. É o caso

do Scopus, no qual o processo pode levar um ano.

3) Servil

Um pai adverte ao seu filho que cumpria 21 anos que “(...) *o método de interrogar os próprios mestres e oficiais da ciência, nos seus livros, estudos e memórias, além de tedioso e cansativo, traz o perigo de inocular ideias novas.*” Machado Assis construía assim a *Teoria do Medalhão*, uma espécie de servidão eficiente e eloquente através da qual se alcançava o êxito. Uma ironia afiada àqueles que se subordinam e não indagam, se submetem e não questionam.

E o exemplo de êxito parece ser os modelos de revistas internacionais independentes de instituições de ensino e que contam com verba e pessoal remunerado. É inócuo esse padrão para as nacionais. Entram também nessa lista empresas com cunho comercial que trataram de obter as certificações e indexações, inclusive divulgando sua qualificação do Qualis Capes, e que cobram por artigos publicados. Assim, os indexadores e o Qualis Capes influenciaram o nascimento de um nicho de mercado, os das revistas científicas comerciais e que abordam professores e estudantes através de e-mail. Os convites são cada vez mais explícitos e objetivos: apresentam os indexadores e o contato para solicitação do valor por publicação, geralmente calculado por página.

No Brasil são três os perfis das revistas científicas: As que estão vinculadas aos programas de pós-graduação e universidades, as comerciais e as vinculadas à sociedade civil organizada. Acrescente-se nesse universo dois subgrupos: as especializadas e as multidisciplinares.

Não há números exatos e é de estranhar que nesse mar de indexadores o próprio portal de periódicos da Capes não seja capaz de informar e filtrar a quantidade de revistas nacionais. Isso por que os arquivos disponíveis para download, através do site da Plataforma Sucupira, relativos aos triênios 2010 a 2012 e 2013 a 2016, mesclam os periódicos nacionais e os internacionais.³ Além disso uma mesma revista aparece repetidas vezes para diferentes áreas do conhecimento. O mundo virtual, esse das métricas e bancos de dados, é complicado e parece que o Qualis Capes bebe de seu próprio veneno.

Mesmo assim a ênfase maior, possivelmente, deva ser daquelas revistas vinculadas

às universidades públicas federais e estaduais em função da pontuação das pós-graduações estarem subordinadas a quantidade de publicações. A parte os vícios de endogenia e exogenia de algumas, o DNA desses veículos denota o seu caráter. Algumas são revistas que divulgam e discutem questões pontuais, de pesquisas muitas vezes restritas as áreas geográficas de atuação dos programas as quais estão vinculadas. O mundo virtual vem mudando cada vez mais esse caráter e forçando-as à nacionalização e até à internacionalização.

Seja como for são trabalhos de pouca repercussão a nível mundial, mas fundamentais na construção do conhecimento. Por isso, comparar um caráter internacional e amplo com um pontual e regional é deformar e forçar uma série de revistas a serem o que não são. O mais grave é estabelecer parâmetros de comparação entre esses dois mundos e qualificar uma em detrimentos da outra. É bom lembrar que a maioria esmagadora dos indexadores e certificações, além de internacionais, impõem e ditam as regras editoriais. Como disse Tolstói, *se queres ser universal começa por pintar a tua aldeia*.

Considerações finais

Nesse cenário descrito de inúmeros parâmetros e regras, três elementos, de fato, exercem influência na qualidade de uma revista científica: um revisor de gramática, um diagramador e a análise dos textos submetidos por pares *ad hoc*. Para os dois primeiros são necessários recursos, que na maioria, quando existem, são insuficientes nas universidades públicas. O terceiro é mais simples e plenamente exequível.

Os editores que estão, ou estiveram, a frente de revistas científicas brasileiras, especialmente as que estão vinculadas a departamentos e programas de pós-graduação nessa transição do mundo físico para o virtual talvez estejam se sentindo como Virgílio, segurando na mão de Dante, só que fazendo o caminho inverso: saindo do céu de papel e caminhando cada vez mais fundo para o inferno. Mas em vez dos nove círculos (o Limbo, o Vale dos Ventos, o Lago da Lama, a Colina da Rocha, o Rio Estige, o Cemitério de Fogo, o Vale do *Flegetonte*, o *Mallebonge*, e o Lago *Cócite*), o novo inferno é feito de apenas três: o Cartório, a Colônia e o Serviço. Mas com cantos não menos dantescos: Latindex, Doaj, Scielo, Google Scholar, Scopus, JCR, Doi, PKP Index, LatinRev, Road, Crossref e outros

tantos que surgem a cada dia, Figura 2.

Figura 2. Lista de indexadores, certificações, buscadores, diretórios e base de dados divulgados no site da Revista Griot, da área de filosofia e fundada em 2009. A imagem ilustra os anseios, a necessidade de validação e a mentalidade editorial das revistas científicas no Brasil, especialmente aquelas nascidas em um ambiente regional e exclusivamente virtual e métrico.

<https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/As29rr8/U>

Referências bibliográficas

ALIGHIERI, Dante. (2017). *A Divina Comédia*. Editora 34, (tradução de Ítalo Eugenio Mauro), São Paulo.

ALVES, Flora. (2015). *Gamification: Como Criar Experiências De Aprendizagem Engajadoras*, DVS Editora, São Paulo.

ASSIS, Machado de. (2015). *Teoria do Medalhão*, (on-line), Editora O Fiel Carteiro, 2015.

BERMAN, Marshal. (1986). *Tudo Que é Sólido Desmancha no Ar: A Aventura da Modernidade*. São Paulo. Companhia de Letras.

BERTOLINO, Marco Túlio; COUTO Marcello. (2019). *Sistemas de Gestão Integrados: ISO 9001, ISO 14001 e ISO 4500, Qualitymark*, São Paulo.

BURKE, Brian. (2020). *Gamificar: Como a gamificação motiva as pessoas a fazerem coisas extraordinárias*, DVS Editora, São Paulo, 2020.

FERREIRA, Ana Gabriela Clipes; CAREGNATO Sônia Elisa. (2014). Visibilidade de Revistas Científicas: Um Estudo no Portal de Periódicos Científicos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p. 189. In: *TransInformação*, Campinas, maio/agosto. <https://www.scielo.br/pdf/tinf/v26n2/0103-3786-tinf-26-02-00177.pdf> (23/09/20).

FRAGOSO, João. (2012). Modelos explicativos da chamada economia colonial e a ideia de Monarquia Pluricontinental: notas de um ensaio. *História*, São Paulo, v.31, n.2, p. 106-145. <https://www.scielo.br/pdf/his/v31n2/07.pdf>

HAMARI J., J. Koivisto and H. SARSA. (2014). "Does Gamification Work? -- A Literature Review of Empirical Studies on Gamification," 2014 47th Hawaii International Conference on System Sciences, Waikoloa, HI. pp. 3025-3034, doi: 10.1109/HICSS.2014.377.

JAGUARIBE, Hélio. (1950). Política ideológica e política de clientela, publicado no *Jornal do Comércio* de 14/5/1950 e em *Digesto Econômico*, São Paulo, 6 (68): 41-62, julho.

QUIJANO, Aníbal (1998), "La colonialidad del poder y la experiencia cultural latinoamericana", in Roberto Briceño-León; Heinz R. Sonntag (orgs.), *Pueblo, época y desarrollo: la sociología de América Latina*. Caracas: Nueva Sociedad, 139-155.

QUIJANO, Aníbal (2000), "Coloniality of Power, Ethnocentrism, and Latin America", *NEPANTLA*, 1(3), p. 533-580.

KAFKA, Franz. (2009). *O Processo*, Ed. Leya SA, Portugal, 2009.

KANT, Immanuel. (2016). *Crítica a Razão Prática*, Ed. Vozes, 2016, São Paulo.

MARQUES, Fabrício. (2018). Táticas para Elevar o Impacto. Para obter mais citações, revistas do Brasil Aumentam rigor e recorrem a apoio especializado, in: *Revista de Pesquisa Fapesp*, janeiro de 2018, edição 263. <https://revistapesquisa.fapesp.br/taticas-para-elevar-o-impacto/> (23/09/20).

SARTRE, Jean-Paul. (2020). *O Imaginário: Psicologia fenomenológica da imaginação*, Ed. Vozes, 2020, Rio de Janeiro.

SAID, Edward (1979), *Orientalism*. New York: Vintage Books.

Notas

¹ Relatório Qualis Periódicos, área N^o 35, Antropologia e Arqueologia, 2019, p. 11.
https://www.capes.gov.br/images/Relatorio_qualis_periodicos_referencia_2019/Relatorio_qualis_antropologia.pdf

² Agência USP de Gestão de Informação Acadêmica, Aguiar. Evento organizado nos Estados Unidos pela Niso (*National Information Standards Organization*) em fevereiro de 2019 e que pretendeu, e ainda pretende, estabelecer padrões técnicos para desenvolvimento, manutenção e publicações relacionados à sistemas bibliográficos e bibliotecas como JATS, KBART, MARC, entre outros.
https://www.aguiar.usp.br/noticias/como-aumentar-a-divulgacao-da-producao-cientifica-e-das-revistas-academicas/?doing_wp_cron=1598194681.7237200736999511718750 (23/09/20).

³

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>